

**Vozes de escritoras indígenas das Américas:
resistência em forma de verso no Canadá e Brasil**

**The voice of indigenous women writers in the Americas:
Resistance in verse form in Canada and Brasil¹**

Liane Schneider²

Submetido em 1º de novembro e aprovado em 12 de novembro de 2016.

Resumo: O presente artigo desenvolve centralmente uma discussão sobre a poesia indígena contemporânea no contexto da América do Norte e, a título de comparação, traz à luz a poesia indígena brasileira, enfocando a década de 90 do século passado, através dos elos estabelecidos entre culturas de tradição oral e escrita. Nosso propósito central, com base nas leituras dos poemas selecionados e da fortuna crítica em questão, será o de verificar indícios sobre o trauma que tem marcado a vida prática e, conseqüentemente, a literatura dos grupos ameríndios ao longo dos séculos que seguiram a colonização europeia. Buscamos, através do estudo do lugar assumido pelo eu lírico, aqui uma voz marcadamente de mulher, discutir as metáforas e significados que compõem as imagens poéticas e destacar os impactos que a literatura pode assumir ao questionar e desmascarar arranjos de poder ainda dominantes no contexto pós-colonial, contribuindo com o processo de descolonização de paradigmas culturais na contemporaneidade.

Palavras chave: Poesia indígena. Trauma colonial. Identidade.

Abstract: This article centrally develops a discussion about contemporaneous indigenous poetry in the context of North America and, for comparative purposes, brings to light Brazilian indigenous poetry, focusing on the 90s decade of last century, through the established links between the oral and written cultural traditions. Our main purpose, based on the reading of the poems selected and the critical fortune in question, will be that of verifying indications of the trauma that has marked the practical life and consequently the literature of Amerindian groups across the centuries following European colonization. We seek, through the study of the place occupied by the lyrical eye, here markedly a woman's voice, to discuss the metaphors and the meanings that compose the poetic images and to enhance the impact literature can assume as it questions and unmasks power arrangements still dominant in the post-colonial context, contributing to the decolonizing process of cultural paradigms in contemporaneity.

Keywords: Native American poetry. Colonial trauma. Identity.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, quando finalmente os estudos acadêmicos voltados à literatura indígena tornaram-se mais visíveis e respeitados no âmbito da pesquisa literária nos grandes centros acadêmicos, principalmente da América do Norte, o reconhecimento de certa diversidade nas produções definidas como "indígenas" também passou a ser condição *sine qua non* para que leitores e críticos evitassem antigas essencializações, frequentemente limitadoras, sobre tal produção. É verdade que, em grande parte, a literatura indígena teve ou tem como base fundadora a tradição oral. Nas diversas tribos, diferentes povos nativos tiveram contato com contos, mitos, lendas e canções transmitidos e repassados de geração em geração pela fala, tanto em encontros informais desses grupos, como em suas celebrações tradicionais.

Tradições orais aparecem apenas quando são contadas. Por momentos fugazes elas podem ser ouvidas, mas na maior parte do tempo elas habitam apenas nas mentes das pessoas. As pronúncias são transitórias, mas as lembranças não são. Ninguém em sociedades cuja tradição é transmitida oralmente duvida que as memórias possam ser repositórios fiéis que contêm a soma total da experiência humana passada, e são capazes de explicar o como e o porquê das condições atuais. (VANSINA, 1985, p. 11, tradução nossa).

A existência de uma grande variedade de tribos em todo o continente americano teve como resultado tradições orais também bastante diversificadas. Entretanto, por não haver um registro escrito, essas histórias e mitos sempre estiveram sujeitos a mudanças, uma vez que cada um que os recontasse poderia enfatizar pontos diferentes, omitir outros, ou acrescentar material inédito. Assim, nesse contexto, sempre se parte de uma autoria menos atrelada à individualidade autoral.

É como uma história sendo contada que não está simplesmente sendo contada. O narrador não apenas apresenta os personagens, relata o que eles fizeram ou disseram, o que acontece na história e assim por diante. Não, ele participa da história com aqueles que o ouvem. Os ouvintes de igual modo estão tomando parte da história. O relato também os inclui. Perceba, o ato de contar histórias é mais como um evento. A história não é apenas uma história então – está ocorrendo, vindo a ser. (ORTIZ, Simon. “What Indians Do”, tradução nossa).

Ao longo do presente artigo daremos voz à poesia indígena, principalmente àquela escrita por mulheres da atualidade que se definem como indígenas, dialogando com saberes e visões de mundo que se inspiram na tradição oral. Diferentes teóricos, que se voltam aos processos de produção literária confirmam que o registro escrito frequentemente tende a empobrecer tais histórias, uma vez que não se mostram capazes de capturar e conservar toda a simbologia e as experiências peculiares vividas por esses povos. Na verdade, “a maioria dos estudiosos concorda que o relato oral nunca pode ser expresso plenamente através da escrita, a experiência não pode ser duplicada em forma de texto.” (BLAESER, 2012, pag. 15). Contudo, as recriações a partir das fontes orais têm se firmado como materiais que ressignificam compreensões sobre o que seria a literatura contemporânea por essas perspectivas. Assim, daremos destaque às estratégias utilizadas por escritoras das Américas no sentido de recriar o processo de pertencimento e identificações no mundo contemporâneo, onde urbano e rural já se encontram bem mais aproximados.

Escrita indígena nas Américas

O processo de colonização no continente americano, que começou de forma mais palpável a partir do século XVII, foi aos poucos impondo aspectos das culturas europeias, principalmente da inglesa, como a língua, os costumes e os padrões estéticos literários de além-mar. Sabe-se que houve diversas guerras por território entre os colonos americanos e os povos nativos. Todavia, de acordo com Ned Blackhawk (2008), historiador vinculado à Universidade de Yale e membro da tribo Te-Moak, muitos fatos históricos que retratam a brutalidade característica de tal período, bem como diversos povos nativos do oeste americano, aparecem muito superficialmente nos registros históricos, quando não são completamente deixados de lado pelos historiadores.

Apesar de uma efusão de trabalhos ao longo das últimas décadas, os que investigam a história dos índios nos EUA, em termos mais gerais, falharam em considerar a violência sobre a qual o continente foi construído. A maior parte dos estudos centrou-se no início da história americana colonial e, ou, nas décadas de exploração e expansão no século XIX, a oeste do Mississippi. Os índios da Grande Bacia Americana – as vastas porções do interior do oeste americano entre as montanhas Serra e Rocky – ainda figuram muito pouco ou nada na representação dos nativos do passado. Os vários

grupos Ute, Paiute e do Shoshone que habitaram nesta região desde tempos imemoráveis geralmente aparecem como sombras distantes em textos históricos, fracos traços sem nome do passado primordial da América. (BLACKHAWK, 2008, p. 3, tradução nossa).

O acesso à língua escrita resultou, bem mais recentemente, no surgimento de vários escritores indígenas conscientes quanto a ideais pós-coloniais e que vêm se empenhando em resgatar ou dar novo formato à identidade e à bagagem cultural dos povos nativos das Américas, disseminando a diversidade cultural, combatendo a monocultura e apresentando uma imagem mais positiva dos indígenas, até então retratados apenas pelo ponto de vista dos colonizadores.

O controle indígena sobre o processo de formação de imagens e disseminação de informações é crucial, sendo que a prosa e a poesia contemporânea de escritores indígenas, particularmente a produção de mulheres escritoras, é parte fundamental da resistência indígena ao genocídio cultural e espiritual. (ALLEN, 1986, p. 42, tradução nossa).

O escritor estadunidense Rodney Simard também discorre sobre o assunto. “Proponho que a nossa literatura nacional, como uma entidade única, deva ser vista como o texto do país em sua realidade multifacetada, multicultural, multiétnica e multiexperencial.” (1992, p. 244). Enfim, como aponta Allen, os encontros entre representações diversas de vida social e cultural no território americano têm merecido destaque:

[...] mais e mais, os romances produzidos por escritores indígenas americanos se preocupam com a vida tribal e urbana [...]. A maior parte desses romances contemporâneos é ritualística em sua abordagem, estrutura, tema, símbolo, e significado, mesmo usando a forma narrativa ocidental. (ALLEN, 1986, p. 79, tradução nossa).

Acontece que, ora os autores são criticados por fugirem às regras estéticas ocidentais, ora são criticados por fazerem uso delas, o que, segundo a opinião de alguns críticos mais tradicionais, descaracteriza a obra como sendo "indígena", fazendo com que perca sua pureza, originalidade e qualidade. Diante de tais críticas contraditórias e preconceituosas, vale a pena citar o seguinte trecho, do livro de Márcia Abreu, crítica

brasileira, intitulado *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*, que problematiza algumas estigmatizações frequentes no campo da literatura:

Por trás da definição de Literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto de textos em circulação [...]. Portanto a qualidade estética não está no texto, mas nos olhos de quem lê. (ABREU, 2006, p. 39).

Com certeza, o debate torna-se ainda mais acirrado quando aspectos de gênero entram na discussão de tal literatura, problematizando a autoria feminina e as marcas de um possível feminismo atrelado (ou não) ao caráter pós-colonial ou descolonial que esses textos carregam em si.

Mulheres indígenas que escrevem e sua relação com paradigmas do feminismo

Andrea Smith (2005, p. 9), especialista na área dos estudos indígenas, aponta que “os colonizadores perceberam desde sempre a subjugação das mulheres nativas como determinante para o sucesso do processo econômico, cultural e político de colonização”. De forma semelhante, Emma LaRocque (1996, p. 12), escritora e pesquisadora canadense *Métis*, defende existir uma relação direta entre estereótipos racistas e sexistas e a violência contra mulheres e meninas indígenas. A desumanização dessas mulheres em muitas representações culturais pós-colonização (SCHNEIDER, 2008), geralmente apresentadas como “*squaw*” (lido pelo olhar europeu como “mulher prostituída ou sem valor social”), teve um impacto muito negativo nos tempos contemporâneos para a autoimagem das nativas e na relação dessas com os homens, indígenas ou não. A autora destaca que a palavra “*squaw*” representou a objetificação das nativas não apenas como mulheres, mas como mulheres indígenas, formando o grupo que mais perdeu *status* nas Américas enquanto o colonialismo avançava. Essa objetificação, carregada de estereótipos racistas e sexistas, continua atuando na perpetuação da violência direcionada às indígenas até o presente (LAROQUE, 1994, p. 74). Jeannette Armstrong, escritora e professora indígena, em sua fala na abertura do *I Simpósio Nacional de Mulheres Indígenas do Canadá*, apontou que vários dos problemas atualmente enfrentados pelos povos nativos não existiam antes da colonização europeia. Armstrong (1996, p. X) também defende que “foi através do ataque ao poder das mulheres indígenas que o desempoderamento dos

nossos povos foi concretizado, via um dos processos mais cruéis de desumanização vistos sobre a face da Terra”.

Pelo posicionamento dessas mulheres, todas especialistas em estudos indígenas, várias delas sendo membros tribais de fato, podemos observar que esse não é um problema resolvido, ultrapassado, que possa deixar de ser debatido por já não apresentar desafios. Ao contrário, Charbounneau-Dahlen, em sua tese de doutoramento, destaca que o trauma histórico relacionado à colonização compõe, de forma inegável, o sofrimento vivenciado pelos povos indígenas até o momento presente. Defende, ainda, que experiência das escolas indígenas representa apenas mais um capítulo da saga extremamente longa que atingiu e ainda atinge esses povos, saga essa largamente marcada por agressões, exploração e abusos. (CHARBOUNNEAU-DAHLEN, 2010, p. 14). A autora aponta que, por décadas, foi obrigatório que toda criança nativa entre as idades de cinco e dezoito anos frequentasse tais internatos educacionais de base religiosa, sendo os casos de agressão física, abuso sexual e trabalho físico exagerado praticamente a norma por ali, segundo dados apontados pela pesquisadora. As escolas eram planejadas para “apagar completamente os modos e as identidades dos povos indígenas, a legislação, obrigando as crianças a frequentarem tais instituições inclusive sob força da lei, os pequenos ficando por anos afastados de suas mães, pais, parentes [...]” (CHARBOUNNEAU-DAHLEN, 2010, p. 16). Essas instituições, de fato, lembravam campos de trabalho forçado, de acordo com relatos divulgados posteriormente por vários indígenas que ali permaneceram por décadas. Vale mencionar que somente neste século, no ano de 2008, o governo canadense desculpou-se oficialmente junto aos povos aborígenes pela violência e abusos ocorridos nas escolas indígenas, atitude política ainda não seguida pelos Estados Unidos, onde esse tipo de escola também foi norma por muitos anos.

Por outro lado, Joyce Green, em *Making space for Indigenous Feminism* (2007, p. 20) esclarece as dificuldades que muitas mulheres indígenas ainda enfrentam ao tentar nomear sua prática como "feminista". De forma semelhante ao que apontava Audre Lorde em *Sister outsider*; ao declarar que as ferramentas do mestre seriam sempre inadequadas para derrubar o império daquele, de fato, diversas indígenas acreditam que o feminismo estaria mais vinculado ao discurso de mulheres brancas, provavelmente já empoderadas

devido a sua inscrição étnico-racial, sendo, assim, de pouca serventia para a resolução de seus problemas específicos. Algumas dessas ainda acreditam que tal opção, quando explicitada, significaria praticamente uma traição aos seus grupos de origem, bem como um abandono das lutas coletivas de homens e mulheres indígenas por objetivos comuns.

Vale mencionar aqui que mulheres de **qualquer grupo étnico** costumam enfrentar certa dificuldade em assumir a posição de feministas, já que isso implica tomar uma clara posição política, nem sempre simpática aos grupos sociais em que se inserem, em sua maioria marcados por valores patriarcais. Contudo, após vivenciarem e testemunharem a opressão colonial e patriarcal tanto na sociedade antes colonial quanto em suas próprias comunidades pós-contato, muitas mulheres percebem a importância de lutar por seus direitos como mulheres nativas. Green (2007, p. 23) ressalta que “os estudos indígenas de cunho feminista aproximam dois discursos críticos – o feminismo e o anticolonialismo, mostrando como os povos aborígenes e, em especial, as mulheres indígenas, são afetadas pelo colonialismo e pelo patriarcado”. Como pesquisadora indígena e membro tribal, a autora também discute e problematiza o fato de muitas indígenas questionarem o feminismo em nome da “tradição”. Ainda que Green (2007, p. 25) concorde que a tradição estaria ligada a um período histórico melhor avaliado pelos nativos em geral, sendo um momento pré-colonial, defende que a tradição não deveria ser lida como algo monolítico, já que necessariamente essa deve estar aberta a interpretações que partem de novos paradigmas da contemporaneidade.

Andrea Smith, concordando com Green, também reconhece certa dificuldade por parte de algumas indígenas em aceitarem o termo “feminista” ao adotarem essa postura em suas vidas práticas e suas posições teóricas. Contudo, Smith (2007, p. 97) defende que “independentemente de sua origem nas comunidades indígenas ou fora dessas, o sexismo opera com força total nos dias de hoje nas tribos e, portanto, faz-se necessário criar estratégias para tratar dele diretamente”. A autora destaca que a violência enfrentada por mulheres indígenas não vem somente de fora da comunidade, já que a taxa de morte dessas devido à violência doméstica é duas vezes mais alta do que aquela que atinge o restante das mulheres canadenses, por exemplo. Portanto, Smith defende que não se pode

mais lutar apenas pela descolonização, e sim, faz-se necessário lutar contra a violência de gênero de forma ampla, já que foi

[...] através da violência sexual e da imposição de relações de gênero europeias em comunidades indígenas que os Europeus conseguiram colonizar os Povos Nativos desde os primeiros contatos. Caso mantivermos tais sistemas patriarcais de gênero, não conseguiremos descolonizar e tampouco afirmar nossa soberania. (SMITH, 2007, p. 100, tradução nossa).

Verna St. Denis, em seu artigo *Feminism is for everybody* (2007, p. 40), defende que suas análises e compreensões quanto à desigualdade e injustiça social foram enormemente enriquecidas pela pesquisa feminista produzida por mulheres em geral, e pelas mulheres de cor, em particular. Portanto, considera que as indígenas envolvidas nos estudos nativos e na educação aborígine não podem mais negar a relevância do importante corpo de pesquisa, análise e ativismo que o feminismo lhes oferece. A autora destaca que praticamente todos os indígenas da atualidade foram, de alguma forma, marcados pela colonização. As escolas e igrejas tiveram papel determinante ao produzir e reproduzir ideologias sobre o que significa ser um homem ou uma mulher, ou mesmo uma família na atualidade. A maior parte dessa ideologia, prejudicial aos não europeus, não foi imposta pela força, mas “pelas ideias do senso comum, constantemente repetidas nas práticas diárias pós-colonização” (ST. DENIS, 2007, p. 41). Nesse sentido, a autora vê como muito positivo o fato de “cada vez mais mulheres aborígenes estarem começando a se identificar como feministas, ou pelo menos, com alguns dos objetivos do feminismo, tais como a luta pela erradicação da violência contra mulheres e crianças” (p. 50).

A poesia sobre o trauma colonial

Após destacar elementos da produção indígena e o lugar das mulheres ao assumirem o ato de escrever, passemos a observar, levando em consideração aspectos culturais e históricos das comunidades indígenas em questão, de que forma os traumas históricos, que oprimem os indivíduos marcados pelo processo colonial, se relacionam com o conteúdo, a estrutura e a organização de poemas no contexto pós-colonial. E ainda, analisar a relação entre o trauma individual, vivenciado por um sujeito nativo via agressão física ou verbal,

e o trauma histórico coletivo, que se manifesta como desafio às construções simbólicas de todo um povo.

Para que seja possível fazer a análise dos poemas em foco, devemos buscar entender o conceito de “trauma”. Em seu livro *Trauma and Survival in Contemporary Fiction*, a pesquisadora Laurie Vickroy definiu trauma como sendo “[...] uma resposta a eventos tão esmagadoramente intensos que prejudicam as respostas emocionais ou cognitivas normais e trazem uma perturbação psicológica duradoura.” (2002, p. 9). Historicamente falando, a colonização europeia foi o processo mais intenso e devastador pelo qual os nativos passaram, gerando sequelas que foram transmitidas ao longo dos tempos e de gerações. A partir do século XX, o surgimento de produções artísticas que transmitissem características da experiência traumática vivida por esses povos surgiu como resposta a uma demanda social de expressão cultural das minorias assombradas por um passado atroz.

Narrativas de trauma, eu afirmo, são respostas personalizadas para a emergente consciência, deste século, dos efeitos catastróficos causados por guerras, pobreza, colonização e abuso doméstico na psique individual. (VICKROY, 2002, p. 10).

Vickroy (2002, p. 11) argumenta que, ao representarem o trauma em suas obras, os escritores pós-coloniais levam seus leitores a refletir e reconsiderar suposições culturais sobre identidade cultural e dinâmicas de poder. Mais do que simplesmente tentar retratar os povos nativos como sendo vítimas, estes autores têm se engajado na tarefa de despertar em seus leitores uma consciência social acerca das sequelas deixadas pela colonização europeia na América do Norte.

Rita Joe e a poesia que resiste

Daremos, a partir deste momento, destaque à produção de **Rita Joe**, escritora indígena nascida no Canadá em 1932, falecida em 2007, apontando como o trauma histórico aparece em um de seus poemas. Rita Joe foi membro da tribo Mi’kmaq, tendo aos 10 anos tornado-se órfã e aos 12 anos, entrado para uma escola indígena, onde as críticas destrutivas quanto à sua cultura de origem constantemente a incentivaram a começar a escrever como forma de resistência, segundo ela mesma relata (*Histórica Canada*, 2007). Ao longo de seu poema “*I Lost My Talk*” (Eu perdi minha fala), publicado em 1989 no

livro *Canadian Woman Studies* (10, 2-3, p. 28), é possível perceber a denúncia de Joe.

I lost my talk

*I lost my talk
The talk you took away.
When I was a little girl
At Shubenacadie school.*

*You snatched it away:
I speak like you
I think like you
I create like you
The scrambled ballad, about my world.*

*Two ways I talk
Both ways I say,
Your way is more powerful.
So gently I offer my hand and ask,
Let me find my talk
So I can teach you about me.*

Nos dois primeiros versos do poema, ***I lost my talk / The talk you took away***, podemos perceber que há uma clara tensão entre as figuras do eu lírico, **de quem algo foi tomado**, e a figura a quem ele se dirige, o colonizador ("you"), responsabilizando-o **por ter-lhe tirado a "fala"**. Uma das formas de resistir à cultura dos colonizadores foi tratar das perdas resultantes da tentativa de descaracterização cultural, apontando claramente a violência por meio da qual foram não apenas **tratados**, mas também **retratados** os nativos. Por essa razão, uma possível interpretação para o emprego da **palavra "talk" (fala)** seria a de que essa foi utilizada para se referir não apenas à língua, à tradição oral e à cultura indígena em geral, mas também à opinião e à voz ativa destes povos nas decisões que dizem e sempre disseram respeito às suas próprias vidas. Como Donovan (1998: 7-8, tradução nossa), crítica indigenista avalia,

Talvez o tópico mais fundamental levantado pela literatura de origem indígena, particularmente aquela produzida por mulheres, e pelas teorias feministas, esteja relacionado à voz: quem pode falar? Como pode falar? Sob quais circunstâncias? E o que pode ser dito? [...] Que ação pode ser tomada?

Em seguida, após anunciar **esse simbólico roubo da fala**, o eu lírico relembra a infância e uma das instituições impostas pelo colonizador, a escola-internato indígena Shubenacadie:

*When I was a little girl
At Shubenacadie school*

A escola *Residencial Shubenacadie* foi construída em 1929 e esteve em funcionamento entre os anos de 1930 - 1967. Essa foi uma escola localizada na província de Nova Scotia, no Canadá. Vale pontuar que uma das maiores tentativas de repressão da cultura indígena se deu por meio da criação do sistema de escolas residenciais para “educar” os aborígenes a partir do final do século XIX. Essa escola específica permaneceu em atividade até quase o final do século XX (OBLATES IN THE WEST, 2009). O governo da época, que enxergava os aborígenes como sendo povos "não civilizados" e, portanto, inferiores em termos de cultura e intelecto, desenvolveu o sistema como uma tentativa de "civilizar" os nativos por meio da **alfabetização, educação europeia e cristianização**, contando com a ajuda da Igreja para tanto (SINCLAIR, 2012). Na segunda estrofe, o poema diz o que segue:

*You snatched it away:
I speak like you
I think like you
I create like you
The scrambled ballad, about my word.*

Ao dizer que agora **fala, pensa e cria como o outro**, sentindo-se roubada, a voz lírica demonstra que houve uma parcial assimilação das diferenças e valores culturais impostos pelo colonizador. Tal incorporação, claro que parcial, sugere que, de fato, “a balada passou a ficar misturada”, o que também pode se referir à tradição oral indígena, melodia que insiste em não desaparecer, que se insere, que penetra, que sobrevive mesmo em meio a tantas invasões e impregnações. Ainda no verso “*You snatched it away*” (Você arrebatou isso), é possível supor que talvez o eu lírico não estivesse se referindo unicamente às perdas culturais supracitadas, nem apenas à fala, mas também ao fato de as crianças indígenas serem tiradas de seus convívios familiares a pretexto de absorverem melhor a cultura europeizada imposta nas escolas, ficando por anos e anos sem ver os parentes. De fato, em 1883, Hector Langevin (1826-1906), o então ministro das Obras Públicas e

membro da Assembleia Legislativa da Província do Canadá, explicou: “Devemos separar as crianças de suas famílias, a fim de educá-las de maneira adequada. Algumas pessoas podem dizer que isso é difícil, mas se queremos civilizá-las, devemos fazer isso.” (THE NATIONAL, 2015).

Na terceira estrofe, o entrelugar cultural é nítido,

*Two ways I talk
Both ways I say,
Your way is more powerful.*

O eu lírico reconhece sua habilidade em circular pelas culturas a partir de seu lugar; transita pelo mundo e língua do outro, enquanto que o outro só desfruta de seu lugar hegemônico, singular. Poderoso, mas unidirecionado. Por fim, a última estrofe:

*So gently I offer my hand and ask,
Let me find my talk
So I can teach you about me.*

O eu lírico pede gentilmente a solidariedade do outro, para que possa reencontrar sua “fala” (aqui significando tradições, cultura, língua), o que permitiria que, tendo sua fala de volta, poderia contar sobre si mesmo. Não é à toa que Rita Joe, em entrevista, deu o seguinte depoimento: **"Meu maior desejo é que haja mais escrita do meu povo, e que os nossos filhos a leiam. Eu já disse repetidas vezes que a nossa história seria diferente se tivesse sido expressa por nós mesmos."** (Joe, 2007).

Por estarmos mencionando esse contexto indígena da língua inglesa, nos parece também fundamental mantermos um olhar comparativo entre as Américas, no caso, a do Norte e a do Sul. Nesse sentido, **ecos da** temática utilizada **por Rita Joe** marcam presença também no território nacional brasileiro. Eliane Potiguara, indígena da tribo Potiguara, nascida no Rio de Janeiro, em seu poema **“A denúncia”**, publicado no livro ***Metade Cara, metade máscara***, trata de temática bastante semelhante ao poema de Joe.

A denúncia

Ó mulher, vem cá
Que fizeram do teu falar?
Ó mulher conta aí...

Conta aí da tua trouxa
Fala das barras sujas
Dos teus calos na mão

O que te faz viver, mulher?
Bota aí o teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah, Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar!

Aqui há um **chamamento** pela voz da mulher mais uma vez como fonte de resistência. Através de uma proposição de **temas do cotidiano** - sobre a **trouxa de roupa**, o duplo sentido das **barras sujas**, sobre **calos e labutas** - esse cotidiano pede **reação**, uma **reapropriação do lugar da fala**. Não é a **mulher quem engana**, como tantas vezes as indígenas foram representadas pela voz colonial - como *squaw*, traidora, prostituída. **Aqui ela foi enganada ao deixar de acreditar em sua voz, no poder de suas palavras**, em seu poder de fala, de criação - pela fala - de um mundo que faça sentido. O poema diz que "o que te fez calar não é o mesmo que te faz viver". **Como um armamento**, as crenças, as forças vitais arrancam essa mulher da posição silenciada, de invisibilidade, de debilidade.

E a partir daí, inúmeras são as surpresas no que diz respeito às semelhanças entre as Américas. Quando partimos para um olhar que percebe essas línguas e culturas que aqui se alojaram, sejam essas atreladas ao inglês, ao espanhol, ao português, como, de fato, posteriores, secundárias, não negando nossas origens indígenas, passamos a, de fato, nos identificarmos como um povo ameríndio em sua origem.

Esboçando conclusões

A literatura indígena descortina, entre outras temáticas, a realidade crua e violenta de um passado traumático marcado por abusos. Ela nos apresenta uma perspectiva alternativa da história e da literatura, que diverge em diversos pontos daquilo que é aceito como verdade por alguns historiadores e amplamente divulgado através da literatura e dos livros didáticos, inclusive. Essa perspectiva é a perspectiva daqueles que sofreram e sofrem até hoje com as consequências de uma colonização brutal e mesmo assim não se calam, continuam testemunhando acerca dos abusos que sofreram, tentando gerar

empatia em seus interlocutores. Acreditamos que temas velados que envolvem relações de violência malresolvida permeiam a maior parte dos textos analisados, ainda que no momento contemporâneo o lugar de vítima esteja bem menos atrelado a essas identidades e textos, o que é mais viabilizado através do uso da ironia no que se refere à representação das culturas (ainda) dominantes.

Eu valorizo literaturas de trauma que desafiam mitos culturais sobre experiências traumáticas. Eu acredito que o trauma discuta isso, revelando histórias e consequências pessoais a eventos traumáticos que foram suprimidos. [...] Grande parte dos depoimentos da literatura do trauma trata de assuntos extremamente perturbadores, como incesto e outras formas de violência sexual, quebrando o silêncio sobre temas antes eram considerados tabu. (VICKROY, 2002, tradução nossa).

Temas como esses, de fato, marcam diversas narrativas de autores e autoras indígenas da Américas, seja em poesia ou prosa, que insistem em ter como fontes as culturas orais que embasam os sujeitos nativos até hoje. Como cita o crítico Goldie, ao apresentar uma antologia de literatura indígena no momento contemporâneo:

Eu acredito que uma das razões pelas quais a literatura nativa é tão interessante é que ao mesmo tempo em que é baseada em tradições muito antigas, como literatura ela é bem jovem. Assim como jovens são os seus autores. Uma grande porcentagem desses escritores que temos incluído está abaixo dos 50 anos e muitos abaixo dos 40 anos. Isso contribui para gerar um sentimento de inovação, ainda que sempre com um senso de tradição. (GOLDIE, 1998, tradução nossa).

Tal literatura desperta em nós a consciência do quanto é importante descolonizarmos nossos projetos, nossos olhares, nossos discursos críticos, além de destacar a qualidade estética de textos construídos a partir de paradigmas não necessariamente afinados com os modelos das culturas e literaturas ocidentais. Armstrong, ao comentar as visões de mundo que os indígenas insistem em trazer à tona, defende que essa literatura e “seus valores e estruturas subjacentes são importantes contribuições para o acervo de conhecimentos e fatores críticos importantes para reverter e remodelar uma visão de mundo cujos valores fomentam uma atitude de autodestruição” (ARMSTRONG, 2013, tradução nossa).

No livro *A cultura-mundo*, Lipovestsky e Serroy (2011, p. 163), discutindo o momento contemporâneo a partir de perspectivas mais ocidentalizadas, defendem que,

“diante do mundo do desordenado e do desnordeado”, as instituições de ensino deveriam promover “uma cultura do sentido e da história”, formando professores capazes de lidar com a rapidez do hoje, sem abrir mão da busca por algum aprofundamento apoiado nas experiências, nas falas e nas vozes de ontem e de hoje. Acreditamos que tanto Rita Joe quanto Eliana Potiguara fazem isso em sua poesia, ou seja, buscam ressignificar as histórias de seus povos, confirmando que o desconhecido sempre carrega surpresas, como diz o eu lírico no último verso de Potiguara, “Quem diria que tu sabias falar!”.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: Literatura e Leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALLEN, Paula Gunn. *The sacred Hoop: recovering the feminine in the American Traditions*. Boston: Beacon Press, 1986.

ARMSTRONG, Jeannette. 2013. Disponível em: <<http://livinginthelibraryworld.blogspot.com.br/2013/03/native>>. Acesso em: 14 de Maio de 2016.

ARMSTRONG, Jeannette. Invocation: the real power of aboriginal women. In: MILLER, Christine; CHUCHRYK, Patricia (Ed.). *Women of the first nations: power, wisdom, and strength*. Winnipeg: University of Manitoba, 2001.

BLACKHAWK, Ned. *Violence over the Land: Indians and Empires in the Early American West*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

BLAESER, Kimberly M. *Gerald Vizenor: Writing in the Oral Tradition*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2012. p. 15.

CHARBOUNNEAU-DAHLEN, Barbara K. *Giving voice to historical trauma through story telling: the impact of boarding school experience on American Indian*. 2010. 136 f. Tese (Doutorado em Filosofia) The Atlantic University Florida. Boca Raton, 2010.

DONOVAN, Kathleen M. *Introduction*. In: *Feminist readings of Native American literature: coming to voice*. Tucson: Arizona University Press, 1998.

GOLDIE, Terry; MOSES, Daniel David. *An anthology of Canadian Native Literature in English*. Don Mills: Oxford University Press, 1998.

GREEN, Joyce (Ed.). *Making space for Indigenous Feminism*. Winnipeg: Fernwood Publishing / Zed Books, 2007.

HISTORICA CANADA, Rita Joe. Disponível em: <<http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/rita-joe/Joe>>. Acesso em: 2 de Abril de 2016.

LAROCQUE, Emma D. *Violence in Aboriginal Communities*. Ottawa: University of Manitoba Press, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

LORDE, Audre. *Sister outsider*. Berkeley: Crossing Press, 2007.

OBLATES IN THE WEST, *In Residential Schools in Canada*. Disponível em: <<http://oblatesinthewest.library.ualberta.ca/eng/impact/schools.html>>. Acesso em: 2 de Abril de 2016.

ORTIZ, Simon. What Indians Do. *Men on the Moon: Collected Short Stories* by Simon J. Ortiz. Tucson: University of Arizona Press, 1999.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global Editora, 2004.

SCHNEIDER, Liane. *Escritoras indígenas e a literatura contemporânea nos EUA*. João Pessoa: Editora UFPB/Ideia, 2008.

SIMARD, Rodney. American Indian Literature, Authenticity, and the Canon. In: *World Literature Today*, v. 66 (Summer 1992), p. 243-248.

SINCLAIR, Murray. FASD – A Legacy of The Residential School System, 2012. Em: <http://www.interprofessional.ubc.ca/AdultsWithFASD/documents/C5_Sinclair.pdf>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2016.

SMITH, Andrea. Native American feminism, sovereignty and social change. IN: GREEN, Joyce (Ed.). *Making space for Indigenous Feminism*. Winnipeg: Fernwood Publishing /Zed Books, 2007. p. 93-106.

ST. DENIS, Verna. Feminism is for everybody. In: GREEN, Joyce (Ed.). *Making space for Indigenous Feminism*. Winnipeg: Fernwood Publishing / Zed Books, 2007, p. 33-52.

THE NATIONAL. *Stolen Children | Residential School survivors speak out*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vdR9HcmiXLA>>. YouTube, Acesso: 14 de maio de 2016.

VANSINA, Jan M. *Oral Tradition as History*. Wiconsin: University of Wiconsin Press, 1985, p. 11.

VICKROY, Laurie. *Trauma and Survival in Contemporary Fiction*. Virginia: The Rector and Visitors of The University of Virginia, 2002.

Notas

¹ Este artigo contou com a colaboração dos estudantes de graduação e bolsistas PIBIC Raul Ribeiro e Tamara Belmont, que auxiliaram na análise do poema *I lost my talk* e na formatação do texto de acordo com as normas da ABNT e da revista.

² Professora da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Pesquisadora do CNPQ. schliane@gmail.com.